

Apresentando um Banco de Dados: imprensa anarquista, homens e mulheres na cidade de Porto Alegre (1908-1930)

Evangelia Aravanis

Resumo

Este artigo apresenta o Banco de Dados que vem sendo elaborado a partir da pesquisa "As representações sobre o 'ser homem' e o 'ser mulher' no jornal anarquista A Luta no início do século XX", financiada pela Universidade Luterana do Brasil. Expõe a forma como tal Banco se encontra estruturado, que tipo de fontes contém e ilustra, a partir de algumas análises destas fontes, seu potencial de pesquisa, considerando que se encontra disponível para quem quiser consultá-lo através de forma impressa ou por disquete.

Palavras-chave: Banco de Dados, gênero, imprensa anarquista.

Abstract

This paper presents the data resulting from the research entitled "The representations of being a man and being a woman conveyed by the anarchist newspaper A Luta at the beginning of the twentieth century". The project was sponsored by the coordenadoria de Pesquisa/ULBRA. The article explains the data organization and the sources consulted. It also brings suggestions of future research. Those data are available in printed material as well as in diskette.

Key words: data organization, gender, anarchistic press.

Este artigo apresenta o **Banco de Dados** que vem sendo elaborado a partir da pesquisa "As representações sobre o 'ser homem' e o 'ser mulher' no jornal anarquista *A Luta* no início do século XX", desenvolvida junto à Coordenadoria de Pesquisa da Universidade Luterana do Brasil. Pretende-se expor a forma como tal Banco se encontra estruturado, que tipo de fontes contém, e ilustrar, a partir de algumas análises destas fontes, seu potencial de pesquisa, haja vista que logo se encontrará disponível para quem quiser consultá-lo, tanto através de forma impressa como em disquete. Prioriza-se na análise das fontes elementos que contribuem para os Estudos de Gênero, principalmente no que diz respeito aos enunciados normatizadores presentes na configuração destes papéis sociais.

Apesar de não se ter aqui como objetivo realizar um histórico desta pesquisa, é relevante mencionar que ela se pautou, inicialmente, pela busca dos textos que tinham como objeto a mulher. A proposta era a criação de um Banco de Dados rico em possibilidades de pesquisa para aqueles que quisessem estudar uma parcela do movimento operário local - aquela marcada pela presença de anarquistas homens -, no eixo de interesse aqui destacado.

Após um semestre de coleta de fontes se observou que eram muito escassos estes textos, diferentemente do que acontecia quando os articulistas se referiam aos homens. A preocupação majoritária do jornal *A Luta* era com o operário homem e com o que era considerado o seu espaço: o público. A persistência no enfoque

Evangelia Aravanis é Mestre em História pela UFRGS e professora no Departamento de História da ULBRA.

Textura	Canoas	n. 1	2º semestre de 1999	p. 29-36
---------	--------	------	---------------------	----------

proposto, além de desconsiderar a riqueza das informações oferecidas pelas fontes, propiciadoras, diga-se de passagem, de análises que faltam à historiografia sobre o operariado na República Velha, também inibiria possíveis abordagens que explorassem aquilo que era objetivo inicial da mesma, já que se poderia perceber muito do que os articulistas pensavam a respeito das mulheres nas entrelinhas daqueles textos que tinham como foco os homens. O que quero dizer é que, mesmo quando a mulher não é o centro de um enunciado proferido por homens, isso não significa que não se pode recompor elementos caracterizadores do universo dela, haja vista que os artigos refletem, pois incorporam, a dinâmica dos embates travados na sociedade, as relações estabelecidas entre os diferentes sujeitos - homens e mulheres - em função de seus traços constituidores. Neste ponto, optou-se por um procedimento organizativo para este Banco de Dados que faz uso de uma concepção presente na área dos Estudos de gênero¹, qual seja, a de que homens e mulheres não vivem isolados na sociedade, mas interagem em múltiplas relações sociais e, portanto, devem ser examinados em seus recíprocos contrastes². A partir deste momento, o Banco de Dados que se criava não mais se constituía de fontes referentes exclusivamente à mulher, mas também daquelas que revelavam o que os articulistas e as raras articulistas pensavam tanto a respeito da mulher como do homem, bem como de fontes que traziam à tona práticas vivenciadas, na época, entre eles.

A recorrência temática foi também outro elemento considerado para a organização deste Banco de Dados, pois foi a partir da observação de insistências temáticas que se tornou possível criar o eixo de ligação entre os diferentes artigos. Os temas recorrentes expressam as principais preocupações existentes entre os/as articulistas deste periódico, apresentando-se, assim, como o campo das reflexões onde ocorria o

embate entre as diferentes concepções dos/das articulistas sobre o homem e a mulher. Também o campo de onde se pode observar o porquê do privilégio de enfoque, pelos/as articulistas, de algumas práticas estabelecidas, em detrimento de outras, entre homens e mulheres na época.

Foram consultados, ao todo, 41 números do *A Luta*. Os artigos selecionados encontram-se digitados em aproximadamente 400 páginas. Os anos abrangidos pela pesquisa são os que vão de 1908 a 1911 e os de 1928 a 1930³. Buscou-se selecionar também algumas fontes que trouxessem, inclusive por se trabalhar com dois momentos de edição deste jornal, informações significativas sobre a história do periódico. Neste sentido há, por exemplo, transcrições de editoriais que denunciam perseguições, bem como mudanças de endereço da redação.

O acesso às fontes se dá a partir de palavras-chaves, que se apresentam sob duas modalidades: ou como palavras-chaves centrais ou como palavras-chaves secundárias. As palavras-chaves centrais remetem a títulos de artigos que informam sobre as práticas vivenciadas por homens e mulheres na época e também sobre os significados culturais elaborados pelos articulistas (homens e mulheres) do feminino e do masculino. As palavras-chaves secundárias enviam, por sua vez, a títulos de textos que, ou trazem informações sobre a história do jornal, ou desenvolvem questões que subsidiam elementos presentes nos textos listados pelas palavras-chaves centrais. A palavra-chave central, como, por exemplo, "*O homem, a mulher e o militarismo*" encontra na palavra-chave secundária, "*O militarismo, a Pátria e o capital*", muito do que a informa, já que nela estão listados títulos de artigos que explicitam o porquê do homem e da mulher não dever - entre outras coisas - se aliar ao militarismo.

É importante mencionar, ainda, que certas *palavras-chaves centrais* englobam textos que, aparentemente, não tem como foco os homens

¹ A bibliografia sobre as relações de gênero é imensa. Cito, assim, três trabalhos que evidenciam, mesmo que sinteticamente, alguns importantes debates travados e caminhos teórico-metodológicos percorridos pelos estudiosos desta questão: Bruschini & Costa, 1992; Matos & Soler, 1997 e Pedro, 1994.

² Entende-se que "ser homem" e "ser mulher" é consequência da interação social construída e remodelada incessantemente, e que abriga condições de classe, etnia, etc., entre homens e mulheres reais - vistos como partes interdependentes (uma não tem significado ou existência sem a outra) - em diferentes tempos e espaços. Nessa concepção encontram-se abolidas idealizações universais como "a condição feminina" e/ou a "condição masculina". Conforme Flax: "a experiência de relações de gênero para qualquer pessoa e a estrutura de gênero como uma categoria social são formadas pelas interações de relações de gênero e outras relações sociais, como as de classe e raça. As relações de gênero não têm, assim, essência fixada; variam tanto dentro do tempo quanto além dele. (...) O gênero, tanto como categoria analítica quanto como processo social, é relacional. Ou seja, as relações de gênero são processos complexos e instáveis (ou 'totalidades' temporárias na linguagem da dialética) constituídos por e através de partes inter-relacionadas. Essas partes são interdependentes, ou seja, cada parte não tem significado ou existência sem as outras. (...) Por meio das relações de gênero, dois tipos de pessoas são criados: homem e mulher." (Flax, 1991, p.221, 227-228).

³ Nos anos de 1912 a 1927 não houve edição do jornal. Já os anos de 1906 e 1907, apesar de existentes, não constam do Banco de Dados, visto terem sido abordados em minha dissertação: Aravanis, 1996.



e/ou as mulheres, ou que só potencialmente apontam para esta perspectiva, como, por exemplo, as palavras-chaves “O operariado e a violência” e “O operariado e a solidariedade”. Caso essas palavras-chaves sejam cruzadas com outras, como, por exemplo, “O homem, a mulher e o trabalho”, elas podem revelar - como aqui é o caso - que se tratam de textos que se referem predominantemente aos homens, já que, conforme estes articulistas, o trabalho nas oficinas - espaço muito referido nesses artigos - não é digno das mulheres, pois estes locais seriam focos de degeneração de sua moral⁴.

Com relação, ainda, à organização deste Banco de Dados, ressalta-se que ele propicia outros cruzamentos, além do apresentado através do enfoque aqui destacado. É interessante mencionar nesta perspectiva, que ele abriga dados sobre o movimento operário e anarquista da época; que contém artigos que trazem várias informações, inclusive comentadas, sobre textos impressos no período; enfim, que oferece, também para aqueles que não estão preocupados em suas pesquisas com o eixo aqui destacado, outras possibilidades de análise. Cito algumas palavras-chaves, tanto centrais, como secundárias para melhor ilustrar isso: “Anti-militarismo: apoios e contatos”; “A Educação”; “A infância operária e o álcool”; “O trabalho infantil”; “As religiões, a Igreja e o Clero” e “O movimento operário e/ou anarquista”.

Faço agora a análise de algumas das fontes que compõem este Banco de Dados, a fim de ilustrar, como foi dito, seu potencial de pesquisa.

EM NOME DA SAÚDE DOS CORPOS...

Em um exame um pouco mais apurado das fontes apreende-se uma preocupação bastante freqüente entre os articulistas do jornal: a saúde dos corpos, e, em especial, com a dos corpos dos operários. Dizem eles, entre outras coisas, que o ambiente das ‘oficinas anti-higiênicas’ adoce os organismos (A Luta, 17/10/1909, p.4); que o uso dos ‘álcoois artificiais’, facilitado inclusive pelo governo, causa um ‘cem número de enfermidades’ (A Luta, 20/06/1908, p.1); que, na

sociedade vigente, ‘enquanto uns morrem de fome outros gastam superfluamente o dinheiro arrancado à saúde de milhares de pobres trabalhadores’ (A Luta, 01/05/1909, p.4). Enfim, que há na sociedade uma forma de ataque à saúde dos corpos, principalmente, à dos operários.

Observa-se ainda, em alguns desses textos, uma tendência a explicar questões sociais a partir de lógicas das ciências naturais - no caso, da biologia. Os males físicos do alcoolismo, por exemplo, se refletiriam na sociedade, gerando, entre outros, os suicidas, os degenerados e os loucos. O trecho que cito ilustra isso:

(...) os álcoois artificiais são verdadeiros venenos da inteligência, são tóxicos que inflamam o sangue fazendo-o circular em assoladora torrente por todo o organismo, excitando a tal ponto o sistema nervoso, que transforma o homem mais tranqüilo em uma fera selvagem, capaz de cometer atos que em pleno domínio de suas faculdades mentais talvez não os praticasse.

Se os que se apropriam do direito que não tem para escolher homens que velem pela educação dos povos pudessem compreender o cem número de enfermidades, a maior parte delas mortais, que produz o uso dos álcoois; si fosse possível apresentá-lhes reunidos todos os tuberculosos, degenerados, suicidas e loucos que produz o álcool, seria esse fato por si só, bastante eloqüente, si não houvessem outros de caráter mais grave ainda, para acabar com toda a peste de parasitas que nos aviltam e oprimem. (A Luta, 20/06/1908, p.1)

Percebe-se que estes enunciados vão adquirindo também, em nome da saúde dos corpos, um tom prescritivo com relação a uma série de condutas sociais. Deve-se, entre outros itens, adotar a abstinência alcoólica (A Luta, 20/06/1908, p.1); viver o lazer em espaços abertos e não em locais anti-higiênicos, como o dos salões de bailes (A Luta, 14/11/1908, p.3); passar ao largo de locais como as casernas⁵ e os prostíbulos, onde proliferam as doenças venéreas e o alcoolismo (A Luta, 12/1928, p.1).

Sem pretender esgotar a questão, identificam-se duas razões fundantes para estas prescrições. A existência de uma compreensão higiênica - mesmo que difusa - dos corpos⁶ e a concepção de que, caso os corpos se encontrassem

⁴Na realidade, como bem aponta Margareth Rago, há também, nestas circunstâncias, uma preocupação em resguardar as operárias dos próprios valores envolventes - que condenam o trabalho da mulher no público - e não, somente, uma mera reprodução dos mesmo. Ver: Rago, 1985.

⁵Habitações de soldados, dentro de um quartel ou de uma praça.

⁶Ver artigos em A Luta, 12/1928.



saudáveis, estariam mais aptos à luta. Com relação a esta última razão é notória a preocupação d'*A Luta* com o consumo de bebidas alcoólicas entre os trabalhadores, o que pode estar evidenciando um problema de fato existente no cotidiano da cidade e que agia no sentido de uma real desmobilização dos mesmos⁷. Uma notícia retirada de uma coluna permanente do jornal (*Estilhaços*), tratada de forma anedótica em artigo abrigado pela palavra-chave central "O operariado e o álcool", revela um pouco deste último porquê mencionado, bem como denuncia que o "capital" estava sempre a "espreita" tentando minar, ou dissimular suas intenções:

Encontramos no *Correio do Povo* de 19 do corrente o seguinte anúncio:

"Cerveja Haertel - Sabendo o Sr. Carlos Haertel que a União dos Chapeleiros efetuava, a 14 do corrente, a posse da nova diretoria, foi nos oferecido pelo distinto industrialista algumas caixas da sua deliciosa cerveja que foi premiada na Exposição Brasileira; podemos afirmar ao público e especialmente aos operários que esta não contém ingredientes nocivos à saúde e não produz dor de cabeça, como muitas outras marcas que estão expostas á venda.

Operários: Bebei só a cerveja preta e a cosmopolita do Sr. C. Haertel que é saudável e deliciosa. - Porto alegre, 14.3.1909 - União dos Chapeleiros."

- E digam-nos cá que a classe operaria não está adi-antada, e que não sabe tratar bem de seus interesses! Talvez haja até quem, no próximo congresso, proponha substituir o enfadonho grito de Marx - operários de todo mundo, uni-vos! - por est'outro bem mais agradável - operários de todo mundo, bebei cerveja preta e cosmopolita!

Tem graça...

É de se lhe tirar o chapéu! (...) (*A Luta*, 02/04/1909, p.4)

Até o presente não se mencionou se eram aos homens ou as mulheres que estes textos se direcionavam, se é que se direcionava a um deles, em especial. Os articulistas, em alguns momentos, se dirigiam a um ser humano universalizado: sem "cor", sem sexo, e, até, sem grupo

social. Claro está que não se reivindica aqui a obrigatoriedade da consideração desses elementos arrolados, pelos articulistas, o que acarretaria numa descontextualização das próprias idéias existentes, de forma hegemônica, na época, mas alertar para as dificuldades que surgem, quando se trata de trabalhar com a temática em questão, pois tais idéias, como esclarece Jane Flax, ao serem neutras e universalizantes não revelam os "arranjos de gênero que se escondem por trás". Tratam-se, segundo a autora, de idéias "herdeiras de uma maneira iluminista de pensar", que essencializa os sujeitos e que ainda "reflet[e] e reific[a] a experiência de umas poucas pessoas - predominantemente homens brancos ocidentais" (Flax, 1991, p.224, 225).

Agregando-se outros elementos a esses enunciados do jornal, percebe-se que havia, de parte destes articulistas, uma preocupação significativa com os homens. Dois destes elementos seriam os seguintes: a recorrência do entendimento de ser o trabalho nas oficinas - espaço de trabalho hegemonicamente mencionado - eminentemente masculino, bem como de artigos que desaprovavam espaços como as casernas, cafés e bares, locais tidos como de frequência masculina, em nome da saúde dos corpos⁸. Os artigos onde se encontram exemplos destas compreensões, a título de ilustração do conteúdo e organização deste Banco de Dados, podem ser encontrados, dentre outras, através das seguintes palavras-chaves: "Atributos masculinos e femininos", "O Homem, a Mulher e o Trabalho" e "Festas dignas e/ou Locais degeneradores".

O que havia, então, considerando estes elementos, era uma grande preocupação com um tipo especial de corpo: o dos homens operários e isso devido, fundamentalmente, ao fato de serem eles, segundo os articulistas, aqueles que travavam diretamente - ou deviam travar - a luta contra o "capital". Isto não significa, no entanto, que não se manifestava também uma preocupação com a saúde do corpo da mulher, mas observou-se que ela era movida por outras

⁷ Liane Bertucci percebe o combate ao álcool também em outros jornais operários do período, no caso, em São Paulo, principalmente nos de cunho anarquista. E mais, "que o uso de bebidas alcoólicas era prática social disseminada, inclusive entre aqueles diretamente ligados a associações operárias". Esta prática e preocupação teriam, respectivamente, algumas de suas raízes, no amálgama entre a herança cultural dos imigrantes - na sua grande maioria italianos, bebedores de vinho - com os costumes aqui encontrados, e na preocupação destas lideranças operárias em "livrar o operariado daquele que era, para os militantes, um dos maiores obstáculos à constituição de um homem forte física e moralmente, um ser atuante": o álcool (Bertucci, 1997, p.438, 442). Em Porto Alegre, apesar de não se ter um massivo contingente de trabalhadores de origem italiana (embora outras etnias aqui presentes, como a alemã serem, pelo que parece, igualmente consumidoras de bebidas alcoólicas), pode-se hipotetizar que esta preocupação d'*A Luta* poderia estar evidenciando parte do que os jornais operários, em São Paulo, perceberam como lá existente: que o uso da bebida não era "apenas um costume da sociedade como um todo (como indica o caso dos remédios [- em grande número de origem alcoólica])", mas "hábito de uma classe - a operária" (Bertucci, 1997, p.444) (grifo nosso).

⁸ Ver artigos intitulados "No declive do vício e do crime" e "Semeando flores, colhendo espinhos" em *A Luta*, 12/1928, p.1, 3.



lógicas, que superavam aquela considerada como fundamental para o corpo masculino: a maternidade, a constituição física mais frágil da mulher, etc.⁹ Transcrevo artigo no qual se evidencia a preocupação com ambos os corpos e em que também se encontram exemplificados os enunciados normatizadores sobre os mesmos.

Club B. Germinal

Com este sugestivo título um grupo de moços, alguns deles nossos camaradas, acabam de fundar nesta capital um grêmio recreativo e instrutivo cuja diretoria, ficou assim composta: - presidente Rodolfo Maack Staffen; vice, Almicare Duilho Meucci; 1º secretário, Vitor Malmann; 2º dito, Cláudio Ferreira; 1º tesoureiro: Pascual Pesce; 2º dito, Manuel Lara, orador: João Guedes da Fontoura. Fiscais: Luiz Neves, Alfredo M. Lírio e Magnus Grac; porta estandarte, Oscar V. Schütz.

É de lamentar que entre tantos moços não houvesse sugerido a algum a utilíssima idéia da organização de uma biblioteca na ocasião em que confeccionara uma chapa com tantos cargos, a maior parte deles inúteis, porque geralmente só servem para entorpecer a marcha dos associados e coatar a iniciativa dos mais operosos.

Pelo ofício que nos enviaram, é a dança o fim principal, e, segundo informações sumministradas por um sócio, nas condições deploráveis, anti-higiênicas das suas congêneres já aqui existente.

Dança à noite, em salões onde se reúnem até mais de 300 pessoas, tornando o ambiente prejudicial, e perigoso, pelas emanções expelidas da aglomeração de tantos assistentes de todas as idades, é para os mais jovens ir buscar na tuberculose a morte prematura.

Exercícios ao ar livre, no campo onde se respira o ar livre puro, saudável, a dança e mesmo de grandes resultados para o desenvolvimento físico e higiene do organismo, do que tanto carecem a maior parte dos jovens, de ambos os sexos, ocupados diariamente em trabalhos fatigantes e as mais das vezes insalubres.

A instrução não deve ser descurada pelos jovens *germinálineos*, aproveitando os intervalos que lhes deixam as diversões (no campo bem entendido) e que só lhes são possíveis nos dias de folga, devido as suas ocupações.

Só assim poderão germinar as sementes provenientes dos esforços do *Clube Germinal*, porque entendemos que não se deve perder tempo inutilmente em

diversões prejudiciais que em vez de retemperar o organismo das lides das oficinas, entorpecam-no e prejudiquem-no ao mesmo tempo que indispõe o cérebro para o estudo necessário aos que trabalham, e de cujo elemento é composto o *Germinal*.

Desejamos prosperidades ao novo clube e que as nossas desprezíveis observações não sejam tomadas como censuras, antes como incitamento que são. (*A Luta*, 14/11/1908, p.3)

As fontes fornecem, ainda, elementos que permitem crer na possível existência de uma forma de normatização que incidia diretamente sobre os corpos, fossem eles de homens ou mulheres. Observou-se, neste sentido, que fazia parte do currículo da “Escola Eliseu Reclus” (Escola de Ensino livre, onde se encontravam vários membros deste jornal) a “*ginástica sueca*” (*A Luta*, 01/12/1906, p.2). Não cabe, nos parâmetros deste trabalho, realizar uma exposição minuciosa a respeito desta forma de ginástica, mas algumas considerações breves são pertinentes.

De origem européia, foi sistematizada por Pehr Henrick Ling no início do século XIX. Ela dividia-se em quatro partes, de acordo com os diferentes fins que visava: a “pedagógica ou educativa”, a “militar”, a “médica e ortopédica” e a “estética” (Soares, 1994, p.71). A “pedagógica ou educativa”, desenvolveria o indivíduo normal, assegurando-lhe a saúde e evitando a instalação de vícios (como o alcoolismo), defeitos posturais e enfermidades. A “militar” - formadora de “guerreiros” -, abarcaria a pedagógica, acrescida de exercícios militares, como a esgrima e o tiro. A “médica e ortopédica” e a “estética”, abarcaria, por sua vez, também a pedagógica, sendo que essa se pautando “pela eliminação dos vícios ou defeitos posturais” e pela cura de “certas enfermidades através de movimentos especiais”, e aquela pela procura do desenvolvimento harmonioso do organismo, através da “dança” e de “movimentos suaves” (Soares, 1994, 72). Todas elas tinham, como se observa, uma base eminentemente pedagógica e regeneradora, tanto do biológico/do corpo, como do social. Na realidade, esta forma de ginástica, tal como as congêneres do período - a ginástica alemã, inglesa e francesa -, concebia haver uma unidade entre corpo e mente, ou seja, de que os homens teriam, ao desenvolverem o corpo de acordo com a sua própria natu-

⁹Ver, respectivamente: *A Luta*, 19/07/1908, p.3 e 07/1929, p.1.



reza, um adequado desenvolvimento mental individual e, por conseguinte, isso levaria a uma sociedade harmônica ou, se fosse o caso, regenerada de suas anomalias (Soares, 1994, p.62).

Esta forma de ginástica, pelas características arroladas, muito provavelmente, vinha sendo praticada, na Escola Eliseu Reclus, e entendida, por alguns articulistas d' *A Luta*, como uma forma de adequar os corpos aos parâmetros do que se considerava um corpo saudável (além de livre de doenças venéreas e/ou tuberculose, abstinência, não entorpecido pelos vícios, etc.). E talvez mais, como uma maneira de regenerar tanto os indivíduos dos vícios e enfermidades, como a sociedade, se constituindo a sua prática quase que em uma obrigação. Claro está, que não se pensa aqui que teria ocorrido uma apropriação "reta" das concepções que subjazem esta forma de ginástica - e nem de suas práticas. A ginástica sueca tinha, diferente de suas congêneres européias, um conteúdo muito mais pedagógico do que militarista, o que, se, por um lado, explicaria muito das razões da prática da mesma na Escola Eliseu Reclus, por outro, evidenciaria o que dela vinha sendo refutado, devido as posturas significativamente antimilitarista destes anarquistas. Certamente o historiador Roger Chartier contribuiria para o aprofundamento de um tópico como este, quando afirma que ocorrem, a partir de um "texto" (entenda-se inclusive os não escritos), criações, e não meras assimilações do mesmo, onde, então, tratar-se-ia de ir além do que aqui foi incipientemente citado como lógicas de apropriação e/ou recusa de concepções e práticas da ginástica sueca¹⁰.

Novamente se ilustra a potencialidade de pesquisa que este Banco de Dados apresenta, já que se pode, através dele, tentar explorar um pouco mais esta questão, a partir, por exemplo, das seguintes palavras-chaves: "*O militarismo, a Pátria e o Capital*" - que agrega artigos que propiciam o entendimento da lógica destas associações - e "*O homem, a mulher e o militarismo*" - que contém textos sobre estas relações.

AS MULHERES E OS SEUS (NÃO) PODERES...

Michelle Perrot, certa feita, observou a diferença das relações estabelecidas entre homens e mulheres com o poder:

"Poder", como muitos outros, é um termo polissêmico. No singular ele tem uma conotação política e designa basicamente a figura central, cardeal do Estado, que comumente se supõe masculina. No plural, ele se estilhaça em fragmentos múltiplos, equivalente a 'influências' difusas e periféricas, onde as mulheres tem sua grande parcela.

Se elas não têm o poder, as mulheres têm, diz-se, *poderes*. (Perrot, 1988, p.167)

Apesar de as mulheres, a partir deste século, estarem cada vez mais alargando esta "sua" esfera de ação, fazendo-se presentes, por exemplo, nos pleitos como candidatas, é esta forma de poder (plural), o majoritariamente enunciado - ou reconhecido? -, pelos articulistas d' *A Luta*, como o das mulheres da época. Elas, em outras palavras, são apontadas como aquelas que: "por todos os meios", devem procurar "afastar seus maridos, noivos, seus irmãos e seus filhos da vida aviltante das casernas" (*A Luta*, 06/01/1908, p.2) e também do "lupanar" (*A Luta*, 01/05/1908, p.2); "possuem a magia de transformar as dores e amarguras desta vida em tranquilidade e alegria" através de "feitos afetivos" em seus filhos, maridos e irmãos; apressam, com "amor", "afeto" e "carinho", a "chegada" da "era de concordia, de solidariedade e de paz que tem por nome Anarquia!"; "cri[am], form[am] e educ[am] as crianças que serão mais tarde homens" (*A Luta*, 01/05/1908, p.2); etc.

Claro está que há, em alguns momentos, chamamentos para atuação das mulheres na esfera pública, como seria o caso de quando as conitam a lutar, juntamente com os homens, contra o sistema vigente, apesar de nem sempre como sujeitos plenos, mas como esposas e auxiliares¹¹.

No início desse texto se disse que muito do universo das mulheres pode ser identifica-

¹⁰ Como alerta Chartier, ocorrem processos de criação e não meras assimilações de um "texto": "ler é uma prática criativa que inventa significados e conteúdos singulares, não redutíveis às intenções dos autores dos textos ou dos produtores dos livros." (Chartier, 1992, p.214).

¹¹ Ver os seguintes exemplares do jornal: *A Luta*, 18/02/1911, p.2; 20/01/1911, p.3 e 06/01/1908, p.2. Ver também artigos de 1907: "Ecos das oficinas", 23/11/1907, p.2 e "Propaganda às mulheres", 23/11/1907, p.2.



do nas entrelinhas de enunciados proferidos por homens (como é o hegemônico n' *A Luta* e na imprensa operária do período), mesmo quando a mulher não é o centro dos mesmos. Aqui no caso, certamente, a concepção de ser *máscula* a transformação social, conforme um articulista do jornal, evidencia o que não seria considerado, de forma inequívoca, para época, algo que possa ser associado ao feminino:

Tudo isto, que falando de chofre ao trabalhador ele não compreende nem lhe interessa, pode interessar aos homens de ciência, aos literatos, aos artistas, aos economistas e a todos aqueles, que, embora possuidores de meios de vida que os salvaguarda dos excessivos rigores dos trabalhos mal remunerados têm em embrião a idéia *máscula* da transformação social (...). (*A Luta*, 10/1908, p.4) (Grifo nosso)

Seria oportuno ressaltar, ainda, com relação a este tópico, que aqui se priorizou somente um aspecto do mesmo: os enunciados prescritivos com relação ao exercício feminino do poder. Isso não significa, no entanto - a não ser que se caia em análises reducionistas -, que estes foram, de fato, os únicos postos em ação e, mais, que, mesmo numa posição de subalternidade, as mulheres não tenham sido capazes de influenciar os homens - além do que lhes teria sido permitido. Como bem salienta a psicóloga Rocha-Coutinho:

Confinadas por séculos no espaço da casa, onde reinavam quase absolutas, enfeitando maridos e filhos com a máscara da perfeição, as dedicadas e abnegadas mães e esposas encontraram formas especiais e silenciosas de articular sua resistência (...). Nem vítimas, nem algozes, acreditamos que as mulheres ao longo dos anos foram tecendo modos de resistência a esta opressão masculina, formas de exercer um certo controle sobre suas vidas a despeito de uma situação social tão adversa. (Rocha-Coutinho, 1994, p.19)

Poder-se-ia perguntar, neste sentido, se as mulheres anarquistas¹² não haveriam se utilizado destas prescrições para ampliar o seu poder

sobre o marido, filhos e irmãos, tornando-se elas, assim, guardiãs de parte da moral anarquista? E quem sabe ainda, não seriam algumas idéias existentes no jornal, as que conferem alguns atributos até então considerados como femininos, para um educador homem ("cândida tenacidade", "ingênua expressão de fraqueza" e "sensual"), bem como as que mencionam que para penetrar em áreas do conhecimento científico, como as Artes, a Literatura e a Educação, se faz necessário "uma espécie ou forma de sensibilidade"¹³ - novamente termo ligado ao feminino -, consequências dos poderes que elas criavam (ou desenvolviam) e punham em prática; do que elas, ao longo dos anos, vinham "te[cendo] por trás dos panos"¹⁴ Este Banco de Dados certamente oferece fontes para aprofundamento destes tópicos, a partir, por exemplo, das seguintes palavras-chaves centrais: "*Atributos masculinos e femininos*", "*O homem, a mulher e o militarismo*", "*A presença da mulher na imprensa, no teatro e na literatura*" e "*A mulher e o jornal A Luta*".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAVANIS, Evangelia. **Uma utopia anarquista: o projeto social dos anarquistas do periódico *A Luta* e o seu desejo de mudar o rumo da história em Porto Alegre (1906-1907)**. Reprodução xerográfica. PPG-História/UFRGS, 1996.
- BERTUCCI, Liane M. Suor e cachaça - São Paulo, início do século XX. **Anais do Simpósio Nacional da ANPUH/97**, p.438-445.
- BRUSCHINI, Cristina, COSTA, Albertina (Orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro : Rosa dos Tempos; São Paulo : Carlos Chagas, 1992.
- CHARTIER, Roger. Textos, impressões, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo : Martins Fontes, 1992. p.214.
- FLAX, Jane. Pós-modernismo e as relações de gênero na teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.).

¹² Entende-se como mulheres anarquistas aquelas que tinham ligações com este ideário e/ou com homens anarquistas, seja como esposas, filhas, irmãs ou mães.

¹³ *A Luta*, 20/01/1911, p.3. O levantamento destas fontes, bem como a "descoberta" dessas idéias foi feita por aluna-bolsista deste projeto, Norma Lúcia Souza, que apresentará trabalho abordando este tópico no "X Salão de Iniciação Científica da UFRGS/98".

¹⁴ A expressão original e título do livro de Maria L. Rocha-Coutinho é "Tecendo por trás dos panos".



- Pós-modernismo e política.** Rio de Janeiro : Rocco, 1991.
- MATOS, SOLER (Orgs.). **Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea.** São Paulo : EDUC, 1997.
- PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero na pesquisa histórica. **Revista Catarinense de História**, Santa Catarina, n.2, p.35-44, 1994.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros.** Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988.
- RAGO, Margareth L. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar (Brasil 1890-1930).** Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1985.
- ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares.** Rio de Janeiro : Rocco, 1994.
- SOARES, Carmem Lúcia. **Educação Física: raízes européias e Brasil.** Campinas; São Paulo : Autores Associados, 1994.

